

**ENTRE LEITURAS E LITERATURA: ZÉ BRASIL,  
O DESCONHECIDO CAMPONÊS  
DE MONTEIRO LOBATO**

**BETWEEN READINGS AND LITERATURE: ZÉ  
BRASIL, THE UNKNOWN PEASANT  
OF MONTEIRO LOBATO**

Gisele de Souza Gonçalves

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Foz do Iguaçu, PR, Brasil

Fernando José Martins

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Foz do Iguaçu, PR, Brasil

*Resumo:* Este artigo apresenta a relação entre literatura e sociedade através de um personagem de origem rural: Zé Brasil, de Monteiro Lobato. A escolha por esse personagem se deve pelo fato de que, ao contrário de Jeca Tatu, não é muito conhecido pelos leitores. Zé Brasil e o ambiente em que foi escrito possibilitam compreender o contexto rural do Brasil, dentro de um recorte histórico, por meio da ficção. O artigo usa a pesquisa qualitativa e bibliográfica, que permite, a partir de elementos da ficção e de estudos da história, sociologia e linguagem, fazer uma análise comparativa sobre literatura e sociedade, destacando suas contribuições como leitura que apresenta intertextualidade e contextualização. Entre os referenciais teóricos, temos Antonio Candido e Marisa Lajolo. Como resultados, entendemos que é possível compreender a importância da literatura para conhecimento da sociedade, destacando um personagem que representa a desigualdade social que ainda assola o país.

*Palavras-chave:* Zé Brasil; literatura; leituras.

*Abstract:* This article presents the relationship between literature and society through a character of rural origin: ZéBrasil, by Monteiro Lobato. The choice for this character is due to the fact that, unlike JecaTatu, he is not well known by readers. Such a character and the environment in which it was written make it possible to understand the rural context of Brazil, within a historical framework, through fiction. The article uses qualitative and bibliographic research, which allows, based on elements of fiction and studies of history, sociology and language, to make a comparative analysis of literature and society, highlighting their contributions as reading that presents intertextuality and contextualization. Among the theoretical references, we have Antonio Candido and Marisa Lajolo. As a result, we understand that it is possible to understand the importance of literature for knowledge of society, highlighting a character that represents the social inequality that still plagues the country.

---

*Keywords:* *Zé Brasil*; literature; readings.

## Introdução

Sendo um dos grandes nomes da literatura brasileira, Monteiro Lobato (1882-1948) é conhecido especialmente como um escritor de literatura infantil, sobretudo a partir do sucesso de *O Sítio do Picapau Amarelo*. No entanto, ele soube também representar as características do Brasil rural em seus contos como, por exemplo, em *Urupês*, no qual apresenta o personagem Jeca Tatu, bem como em *Zé Brasil* – cuja obra apresenta um personagem menos conhecido, porém bastante relevante para entender questões relacionadas ao contexto rural do país –, obra a qual abordaremos com mais ênfase no desenvolvimento deste artigo. Optamos por manter os trechos de obras de Monteiro Lobato de acordo com a originalidade da escrita, reproduzindo os textos como estão na fonte utilizada. É importante destacar que usaremos uma seleção de Marisa Lajolo sobre *Zé Brasil*, pois a obra original não está disponível para venda em editoras e livrarias.

Tendo isso em vista, podemos, ainda, provocar o leitor e a leitora deste artigo com a seguinte questão: por que tantos livros do autor ainda continuam sendo editados e este, tão relevante, não está disponível? Por isso buscamos falar justamente desta obra, de maneira que seja valorizado também o autor e suas mudanças, bem como a maneira própria e inteligente com que constitui sua obra, a partir de situações do contexto social, utilizando-se do folclore, diversos tipos sociais, problemas sociais e o próprio povo brasileiro. Nessa época, quando muitos escritores estavam voltados para a Europa, copiando seus estilos e moldes, Lobato torna-se um grande escritor da literatura brasileira.

Para compreendermos *Zé Brasil* de maneira mais ampla, até mesmo por haver nesse conto referências a Jeca Tatu, é preciso contextualizar a criação desse personagem para compreender aquele. Jeca Tatu possibilita uma reflexão sobre a sociedade rural brasileira, dadas as características simples do seu modo de vida, do contexto em que está inserido e dos conflitos que cercam o tranquilo caboclo. Monteiro Lobato escreveu sobre Jeca Tatu pela primeira vez em 1914, citando-o em *Velha Praga*, artigo enviado ao jornal *O Estado de São Paulo*, e depois o apresentou em *Urupês*. Nessas duas obras, o escritor critica o comodismo de Jeca, como narra no conto *Urupês* (LOBATO, 1985, p. 148): “Quando comparece às feiras, todo mundo logo adivinha o que ele traz: sempre coisas que a natureza derrama pelo mato e ao

homem só custa o gesto de espichar a mão e colher”. Podemos identificar no personagem de Lobato a presença da lei do menor esforço, pois ele poderia não só retirar o que a terra lhe oferecesse, mas, sobretudo, utilizar a terra para ter mais, o que até o fim do conto não acontece.

No entanto, Monteiro Lobato vai além dessa crítica quando, em 1918, conta sobre as qualidades do Jeca Tatu, enaltecendo sua brasilidade, como foi relatado no artigo *Por onde anda o Jeca Tatu?*, de Pereira e Queiroz (2004-5, p. 09): “tu, Jeca, tens a suprema coragem de não ser grotesco por figurinos franceses”. O criador do Jeca elogia-o por ele não corresponder a um molde europeu, como muitos escritores da época buscavam caracterizar os personagens de suas obras. No mesmo ano, Lobato justifica a quietude produtiva do Jeca, causada pelo amarelão, no conto *Jeca Tatu: A Ressurreição*, quando, depois de curado da doença, trabalha com tamanha intensidade que se torna um fazendeiro<sup>1</sup>.

Em 1947, Monteiro Lobato publicou seu último livro, *Zé Brasil*, cujo personagem se identifica com o Jeca Tatu, mas trata-se de um caboclo mais consciente e questionador da sua condição social de miséria, devido à desigualdade existente no campo.

Como se pode observar nessa breve descrição, por meio da análise de personagens de Monteiro Lobato é possível realizar um estudo sobre os conflitos sociais existentes no Brasil rural durante a trajetória do personagem Jeca até *Zé Brasil* na literatura. No entanto, daremos ênfase ao último, pois a intenção é destacar esse personagem não muito conhecido e, inclusive, propor ao leitor pensar sobre o motivo desta invisibilidade. Para tanto, temos como base de compreensão as situações ficcionais do contexto em que estes personagens se encontram nas obras de Monteiro Lobato.

Aqui, é importante fazer uma referência à nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie que, em *O perigo de uma história única*, nos mostra o quanto é arriscado para nossa percepção de mundo termos apenas uma referência sobre algo: “Histórias importam. Muitas histórias importam”. E continua: “Histórias têm sido usadas para expropriar e ressaltar o mal. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida” (ADICHIE, 2019, p. 32).

<sup>1</sup>Todo o parágrafo faz referência ao artigo publicado pela Revista USP, intitulado *Por onde anda o Jeca Tatu?*, de João Batista Borges Pereira e Renato da Silva Queiroz, professores da Universidade de São Paulo. O artigo apresenta considerações relevantes sobre o contexto agrário brasileiro. Algumas de suas referências bibliográficas foram consultadas para o desenvolvimento dessa pesquisa.

As pesquisas desenvolvidas a partir de relações entre literatura e sociedade permitem compreender de forma mais analítica a sociedade brasileira, e, por isso, este artigo pretende destacar o contexto social da época por meio de um estudo sociológico pelo viés da literatura. Para desenvolver o tema apresentado, foram consultadas fontes bibliográficas relacionadas ao contexto histórico e social da sociedade brasileira e à teoria literária. Além disso, foi realizada uma análise de obras, entre elas a de Antonio Candido, *Literatura e Sociedade*, por oferecer uma fundamentação teórica necessária para a pesquisa que procura entender como uma obra literária pode ser influenciada pelos fatores sociais, além de outros textos. Desse modo, neste artigo, embora tenhamos muito material para explorar dentro deste universo que compreende a obra de Monteiro Lobato e a questão rural, focalizamos nossa atenção especialmente no personagem Zé Brasil, vítima dos maus julgamentos das pessoas da cidade e da exploração dos grandes latifundiários.

### **Zé Brasil: um trabalhador do campo**

*Zé Brasil* é o último livro de autoria de Monteiro Lobato, publicado em 1947, cujo personagem protagonista recebe o mesmo nome dado à obra. Esse apresenta características semelhantes às do personagem Jeca Tatu, desde sua origem caipira até suas condições sociais-econômicas, como se pode ler em:

Zé Brasil era um pobre coitado. Nasceu e sempre viveu em casebres de sapé e barro, desses de chão batido e sem mobília nenhuma – só a mesa encardida, o banco duro, o mocho de três pernas, uns caixões, as cúias... Nem cama tinha. Zé Brasil sempre dormiu em esteiras de tábuas. Que mais na casa? A espingardinha, o pote d'água, o caco de sela, o rabo de tatu, a arca, o facão, um santinho na parede (LOBATO apud LAJOLO, 1981, p. 92).

Devido à descrição apresentada, é explicitada a semelhança do nível de pobreza entre o personagem Zé Brasil e Jeca Tatu, já que ambos moravam em uma casa de sapé. Zé possui objetos parecidos com os do Jeca: mocho<sup>2</sup> de três pernas, espingarda e santo. Além dessas características apontadas em comum, o próprio Zé se identifica com o caboclo, que nasceu em “Velha

---

<sup>2</sup>Banco baixo sem encosto.

Praga”, ao olhar seu “livrinho do Fontoura com a história do Jeca Tatu<sup>3</sup>”:

- Coitado deste Jeca! – dizia Zé Brasil olhando para aquelas figuras. – Tal qual eu. Tudo que ele tinha, eu também tenho. A mesma opilação, a mesma maleita, a mesma miséria e até o mesmo cachorrinho. Pois não é que meu cachorro também se chama Joli?... (LOBATO apud LAJOLO, 1981, p. 92).

É interessante observar a diferença identificada entre o caipira, no personagem Jeca Tatu, da década de 10, e o caipira, no personagem Zé Brasil (mais de trinta anos depois), para destacar/sublinhar a mudança das impressões do autor sobre o trabalhador rural. A diferença de Zé Brasil em relação a Jeca, de acordo com o autor, pode ser vista na descrição do modo de vida de Zé:

A vida de Zé Brasil era a mais simples. Levantar de madrugada, tomar um cafezinho ralo (“escolha” com rapadura), com farinha de milho (quando tinha) e ir para a roça pegar no cabo da enxada. O almoço ele o comia lá mesmo, levado pela mulher; arroz com feijão e farinha de mandioca, às vezes um torresmo ou um pedacinho de carne seca para enfeitar. Depois, cabo da enxada outra vez, até a hora do café do meio-dia. E novamente a enxada, quando não a foice ou o machado. A luta com a terra sempre foi brava. O mato não para nunca de crescer, e é preciso ir derrubando as capoeiras e capoeirões porque não há o que se estrague tão depressa como as terras de plantação (LOBATO apud LAJOLO, 1981, p. 92-93, grifo da autora).

Conforme esse excerto, percebe-se que o caipira está sendo valorizado através de seu trabalho, ao contrário do que era representado sobre o caipira caboclo nas obras de Monteiro Lobato *Velha Praga e Urupês*, em que Jeca Tatu era considerado um parasita.

Essa diferença entre os personagens caipiras Jeca Tatu e Zé Brasil mostra não só a releitura de conceitos, como também um pedido de desculpas do escritor ao caipira, um reconhecimento de Lobato quanto ao seu mau julgamento do camponês que vivia no Vale do Paraíba, em *Velha Praga e Urupês*. Esse reconhecimento está subentendido na descrição a seguir:

A gente da cidade – como são cegas as gentes das cidades!... Esses doutores, esses escrevedores nos jornais, esses deputados, paravam ali e era só crítica: vadio, indolente, sem ambição, imprestável... não havia o que não dissessem do Zé Brasil. Mas ninguém punha atenção nas doenças que derreavam

<sup>3</sup>Jeca Tatuzinho diz respeito a um almanaque distribuído junto de produtos farmacêuticos do Laboratório Fontoura.

aquele pobre homem – opilação, sezões, quanta verminose há, malária. E cadê o doutor? Cadê o remédio? Cadê o jeito? O jeito era sempre o mesmo: sofrer sem um gemido e ir trabalhando doente mesmo, até não agüentar mais e cair como cavalo que afrouxa. E morrer na velha esteira – e feliz se houver por ali alguma rede em que o corpo vá para o cemitério, senão vai amarrado com cipó (LOBATO apud LAJOLO, 1981, p. 93).

Quando Lobato cita “esses escrevedores nos jornais”, inclui-se no grupo de difamadores do injustiçado *Zé Brasil*, pois *Velha Praga* foi um artigo publicado em *O Estado de São Paulo* que denunciava os camponeses, entre eles, o Jeca Tatu. Segundo Lajolo (1981, p. 93), *Zé Brasil* ganhou “a dimensão de uma autocrítica de Lobato, que tenta redimir a figura do camponês, analisando-a no contexto socioeconômico brasileiro”.

No trecho comentado, o narrador interlocutor defende *Zé Brasil*, que sofria com descasos do governo quanto à saúde pública e, apesar disso, era rotulado como preguiçoso pelas “gentes da cidade” que viviam às cegas, entre elas, o próprio Monteiro Lobato, que antes não percebia essa situação.

Esse percurso que pode ser entendido por quem conhece os textos de Lobato, especialmente os contos sobre o homem do campo, permite compreender a dimensão que tem a vida de uma obra ou, ainda, a obra na nossa vida, como discorre María Teresa Andruetto, no livro *Por uma literatura sem adjetivos*: “Uma narrativa é uma viagem que nos remete ao território de outro ou de outros, uma maneira, então, de expandir os limites de nossa experiência, tendo acesso a um fragmento de mundo que não é nosso” (ANDRUETTO, 2012, p. 54).

Vale fazer uma ressalva sobre quem, ao longo dos anos, tem sido incompreendido pelas “gentes da cidade”: o sujeito do campo. Os grandes latifúndios sempre usaram trabalhadores em condições vulneráveis para que a exploração fosse mais segura e lucrativa. No Brasil, os índios foram os primeiros a serem explorados nesse espaço latifundiário, porém sem costumes com a monocultura, foram substituídos por escravos africanos – cuja escravidão durou até 1888 –, uma das opções viáveis para substituir tal mão-de-obra foram os imigrantes, os quais, antes mesmo da abolição da escravatura, vinham ao Brasil na seguinte condição:

O sistema de trabalho adotado foi o de parceria, na qual o proprietário se comprometia a pagar o transporte do imigrante da Europa até a fazenda e fornecia casa, instrumentos e terra para o plantio de alimentos. Em troca, os imigrantes cuidavam de um número não especificado de pés de café e pagavam a dívida contraída com os rendimentos da venda de alimentos e da

parte que lhes cabia dos lucros conseguidos com a lavoura de exportação. A experiência, a princípio, deu certo, sendo partilhada por outros proprietários paulistas (DEL PRIORE, 2010, p. 208-209).

Contudo, assim como na literatura, os conflitos da vida real vão surgindo no campo, e não seria diferente com os imigrantes:

[...] as dívidas acumuladas durante a viagem ou na compra de ferramentas eram motivo de vários conflitos. Do lado dos fazendeiros, as queixas diziam respeito ao fato de os imigrantes descuidarem dos pés de café, preferindo cuidar das próprias roças, cuja comercialização era mais difícil de ser fiscalizada. Entre os trabalhadores, as reclamações incidiam no fato de que as dívidas os reduziam à condição de semiescravos. Como resultado disso, registrou-se, na década de 1860, o abandono da maioria das experiências de trabalho livre na lavoura cafeeira paulista (DEL PRIORE, 2010, p. 209).

Assim, o sujeito que desenvolve o trabalho no campo, mesmo que pertencente a grupos, etnias e épocas distintas, é historicamente aquele que pode ser explorado por meio de situações das quais ele não tem opções razoáveis a escolher, que acompanharam índios e africanos de forma ainda mais violenta: fuga, punições, suicídio, fome. O imigrante também ganha, na obra de Lobato, um lugar de destaque, inclusive como um dos personagens em *Jeca Tatu: a ressurreição*. Mas aqui o que queremos enfatizar são as semelhanças entre a realidade do campo e a vida do personagem Zé Brasil, o qual representa esse camponês sem condições favoráveis para que possa sair da miséria, sem muitas opções para deixar de ser explorado, labutando a terra que exige muito de seu esforço físico, todavia sem receber o valor merecido por cultivar o alimento para os demais sujeitos de uma sociedade.

A religião também aparece em *Zé Brasil* de uma forma menos dogmática que em *Jeca Tatu*, no conto *Urupês*, mas ainda assim é possível ver, conforme Lobato apud Lajolo (1981, p.84), em *Zé Brasil* características religiosas: “na frente da casa, o terreirinho, o mastro de Santo Antônio”. No entanto, surge na narrativa uma contradição de sua religiosidade:

- Mas você morre, Zé, e sua alma vai para o céu – disse um dia o padre – e Zé duvidou.

- Está aí uma coisa que só vendo! Minha idéia é que nem deixam minha alma entrar no céu. Tocam ela de lá, como aqui na vida o coronel Tatuíra já me tocou das terras dele (LOBATO apud LAJOLO, 1981, p. 94).

Nesse diálogo aparece a criticidade e o questionamento de Zé, reconhecedor da sua situação de miséria, cujas crenças não são suficientes para o consolar. Zé Brasil está consciente de que ninguém se importa com sua condição e, por isso, não acredita nas concepções religiosas defendidas pelo padre, a fim de aliviar seu sofrimento em consequência da injustiça de que é vítima.

Depois da apresentação do personagem protagonista, a narrativa apresenta um conflito decorrente da expulsão de Zé Brasil das terras do coronel Tatuíra, onde Zé era meeiro<sup>4</sup>. A partir desse fato, outros problemas vão sendo levantados e comentados através de um diálogo entre Zé e um interlocutor não identificado. Em meio aos problemas citados, pode-se destacar a injustiça da lei, a exploração dos grandes latifundiários, a necessidade de reforma agrária e a precariedade da saúde pública.

À medida que vai se desenvolvendo o diálogo entre os personagens, Zé Brasil mostra-se consciente da situação de pobreza em que se encontra e o porquê de permanecer nessa condição. Ao contrário do Jeca, tão ingênuo, Zé critica o sistema político e os moradores da cidade que estão distantes do campo e, por isso, julgam o caipira sem conhecer a realidade na qual está inserido: “A gente da cidade – como são cegas as gentes das cidades! ...” (LOBATO apud LAJOLO, 1981, p. 93).

Zé Brasil fala sobre as dificuldades que o agricultor encontra em manter sua produção por causa de pragas. Dentre elas, destaca aquela que mais atinge suas plantações, a formiga: “ – Ah, estas formigas me matam! – dizia o Zé com cara de desânimo. – Comem tudo que a gente planta” (LOBATO apud LAJOLO, 1981, p. 93). Além de atingirem a produção, para combatê-las é necessário ter condição financeira suficiente para comprar produtos que as impeça de danificar a lavoura, mas o problema é maior: não só ele deve eliminá-las, mas seus vizinhos também, o que não acontece nas redondezas onde vive:

E se alguém da cidade, desses que não entendem de nada desta vida, vinha com histórias de “matar formiga”, Zé dizia: “Matar formiga! ... Elas é que matam a gente. Isso de matar formiga só para ricos, e muito ricos. A formicida está pela hora da morte – e cada vez pior, mais falsificada. E que adianta matar um formigueiro aqui neste sítio, se há tantos formigueiros nos vizinhos? (...) Suponha que eu vendo a alma, compro uma lata de formicida e mato aquele formigueiro ali do pastinho. Que adianta? As formigas do Chico Vira, que é o meu vizinho deste lado, vêm alegrinhas visitar as minhas

<sup>4</sup>Agricultor que trabalha em terras de outra pessoa e reparte seus rendimentos com o dono dessas terras.



---

plantas” (LOBATO apud LAJOLO, 1981, p. 93, grifos do autor).

As formigas que aterrorizavam as plantas do Zé eram temidas pelos produtores desde o período do Brasil Colônia, segundo Del Priore (2006, p. 83, grifos da autora): “a maior praga, por exemplo, era a das formigas, que existiam em ‘prodigiosa quantidade’. Já no século XVI, os portugueses apelidaram o inseto de *rei do Brasil*”. Muitos foram os danos causados por esses insetos que “em carreiras cerradas e ondulantes, dia e noite, (...) devastavam tudo dentro ou fora das habitações”.

O desânimo de Zé também pode ser comparado com o comentário de Gabriel Soares de Souza<sup>5</sup> sobre as formigas, citado por Del Priore (2006, p. 84): “no Brasil se dá tudo o que se pode desejar, o que esta maldição [as formigas] impede, de maneira que tira o gosto aos homens de plantarem...”.

Esse problema difícil de ser resolvido, devido à falta de recursos financeiros, desanima Zé Brasil e, por meio disso, Monteiro Lobato mostrou em sua obra as condições de pobreza dos trabalhadores rurais que, sem ter possibilidade de manter a produção, acabam por vender a sua força de trabalho aos grandes proprietários de terra.

Na época, o avanço da civilização no interior do país provocava a especulação da terra e conflitos sociais: proprietários novos que obtinham a terra por direito ou fraude expulsavam posseiros que antes exploravam livremente as terras devolutas em que viviam. A consciência de classe apareceu tardiamente no país e surgiram conflitos entre aqueles que trabalhavam e aqueles que possuíam a terra (CARONE, 1980).

O trabalhador rural – que não possui terra – tem por opção vender sua força de trabalho para ser usada nas terras de outro. Essa relação é demonstrada por Martins (1995), quando escreve sobre os meios de produção como maquinaria e ferramentas, que não são bens pertencentes aos trabalhadores, sendo utilizados apenas para produzir riqueza em troca de salário.

Na ficção, Zé Brasil possuía suas ferramentas, como é possível ler na obra, mas não tinha terras. Desse modo, tornou-se arrendatário no regime de meeiro, e, por isso, pagava por usar as terras de alguém a fim de plantar e dividir a metade da produção com o rendeiro. A necessidade do trabalhador em ter que utilizar a terra (de alguém) e pagar como aluguel parte da

---

<sup>5</sup>Navegador português, colonizador, dono de engenho, sertanista e comerciante, conhecido por ter escrito “Tratado descritivo do Brasil” (1587), um dos primeiros relatos sobre o Brasil colonial, com importantes dados geográficos, botânicos, etnográficos e linguísticos.

produção que obteve através dessa terra (por não possuir um território de sua propriedade) – como é o caso de Zé Brasil –, segundo Martins (1995, p. 155), inicia-se com uma relação paradoxal: “a desigualdade econômica entre o capitalista e o trabalhador só pode ocorrer com base na igualdade jurídica sob a qual eles se defrontam”. Assim, Zé Brasil vivia sem chances de melhorar de vida, sem ter terra própria, à mercê do coronel Tatuira, que possuía a terra, a qual era alugada ao rendeiro que pagava com parte daquilo que produziu, como o próprio personagem Zé Brasil explica:

- O coronel me deu lá uma grota, fiz minha casinha, derrubei mato, plantei milho e feijão.

- De meias?

- Sim. Metade para o coronel, metade para mim.

- Mas isso dá, Zé?

- Dá para a gente ir morrendo de fome pelo caminho da vida – a gente que trabalha e planta. Para o dono da terra é o melhor negócio do mundo. Ele não faz nada, de nada, de nada. Não fornece nem uma foice, nem um vidrinho de quina para a sezão – mas leva metade da colheita, e metade bem medida – uma metade gorda; a metade que fica com a gente é magra, minguada... E a gente tem de viver com aquilo um ano inteiro, até que chegue tempo de outra colheita (LOBATO apud LAJOLO, 1981, p. 94).

Como é possível observar no fragmento supracitado, as condições em que Zé vive são baseadas no que o coronel lhe oferece e exige. Dessa forma, Zé Brasil permanece na pobreza, assim como aconteceu antes dele tornar-se meeiro, quando era agregado em outra fazenda:

- Mas como foi o negócio da fazenda do Taquaral?

- Eu era “agregado” lá e ia labutando na grota. Certo ano tudo correu bem e as plantações ficaram a maior das belezas. O coronel passou por lá, viu aquilo – e eu não gostei da cara dele. No dia seguinte me “tocou” de suas terras como quem toca um cachorro; colheu as roças para ele e naquela casinha que eu havia feito, botou o Totó Urumbeva (LOBATO apud LAJOLO, 1981, p.94, grifos do autor).

O que propiciava a injustiça sofrida por Zé Brasil era o não cumprimento do acordo entre fazendeiro e agregado, além da falta de funcionamento da estrutura política e jurídica do país, criticada pelo personagem:

- Mas não há uma lei que...

Zé Brasil deu uma risada. “Lei... Isso é coisa para ricos. Para os pobres, a lei é a cadeia e se resignar um pouquinho é o chanfalho” (LOBATO apud LAJOLO, 1981, p. 94, grifo da autor?).

Para resolver o problema que afetava Zé Brasil era preciso haver uma reforma agrária. Segundo Del Priore (2006, p.198), a partir de 1945 a participação política aumentava: tanto a industrialização quanto a urbanização deram origem a uma nova classe política não mais dependente das antigas elites rurais, como no início do século XX; as “lideranças populistas” apelam diretamente para as massas, vindo na reforma agrária uma reforma de base, e logo, “um poderoso lema capaz de incitar a mobilização de multidões”.

Todo esse fenômeno fez aumentar a reivindicação por reforma agrária. Priore (2006, p.199) relata que: “entre 1947 e 1962, por exemplo, foram apresentados 45 projetos de lei a respeito do tema”. A reforma agrária, nas palavras de Laranjeira (1983) em “Colonização e Reforma Agrária no Brasil”:

[...] atenta não só para a necessidade de imprimir maior oferta de alimentos ou outras utilidades no país, mas também solucionar o conflito que se projeta no meio rural, entre os que detêm os bens de produção e os que não os possuem, conduzindo-os a uma situação de equanimidade (LARANJEIRA, 1983, p. 126).

Para o autor, a reforma agrária se caracteriza pelo processo em que “o Estado modifica os direitos sobre a propriedade e posse dos bens agrícolas, a partir da transformação fundiária e da reformulação das medidas de assistência em todo o país”, a fim de obter uma oferta maior de gêneros e acabar com as diferenças sociais no campo (LARANJEIRA, 1983, p. 128).

Ao escrever *Zé Brasil*, Lobato contextualiza a pobreza do personagem com a estrutura socioeconômica do país, remetendo a obra aos problemas que a população rural sofria em função da ausência de reforma agrária. É interessante ressaltar um comentário de Del Priore (2006) quanto aos interessados pela reforma agrária no país, após 1961 (14 anos depois da morte de Lobato):

Populistas, comunistas e desenvolvimentistas se irmanam na luta pela reforma agrária. Entre eles, por motivos diferentes, havia a crença de

que, sem essa transformação, o Brasil estaria condenado à estagnação econômica e à dependência internacional. A avaliação do quadro político mostrou-se, porém, bastante precária. Não havia, como se imaginava, uma classe industrial – ou burguesia nacional – com interesses diferenciados dos existentes entre os proprietários rurais. Vínculos familiares, interesses econômicos e até mesmo valores morais e religiosos criavam uma ampla rede complementar entre os dois segmentos sociais (DEL PRIORE, 2006, p.200).

Conforme o fragmento apresentado, a reforma agrária ganhou importância de todas as classes interessadas no mesmo objetivo; o desenvolvimento econômico do país. Em 1964, segundo a mesma autora, “todos eram a favor da reforma agrária, só que uns achavam que ela deveria ocorrer em 95% do território nacional, enquanto outros defendiam que ela se reduzisse a apenas 5% desse mesmo território” (DEL PRIORE, 2006, p. 200).

O que de fato aconteceu foi que nesse mesmo ano, os militares, assumindo o poder, defenderam um projeto que valorizava a colonização, a fim de não interferir nas propriedades constituídas. Surgiu então como propósito ocupar os territórios virgens abertos na região da Amazônia para a construção da rodovia transamazônica como alternativa de luta pela terra. No entanto, “a experiência resultou em novas formas de concentração da propriedade fundiária” (DEL PRIORE, 2006, p. 201).

Assim como *Zé Brasil*, que surgiu em 1945 na literatura como vítima da desigualdade do sistema agrário brasileiro, atualmente, muitos vivem problemas semelhantes aos que ele apontou em meados do século XX.

Para perceber a importância (ou a ausência dela) que o trabalhador rural e os problemas enfrentados pelo mesmo recebem, vale lembrar a repercussão que *Jeca Tatu* – o caboclo preguiçoso – teve no país. Ele é conhecido, até hoje, por sua divulgação nas escolas, nos livros didáticos e nos filmes, enquanto que *Zé Brasil* – injustiçado e consciente da sua miséria – está ausente nas bibliotecas e livrarias, não tendo sido mais editado.

*Zé Brasil* foi o último livro de Monteiro Lobato e felizmente mostra a mudança de percepção do caboclo, personagem da nossa história, cheio de características que aos poucos misturaram-se com os adjetivos dos demais personagens dessa história sobre o Brasil. Lobato apontou, em sua última obra, alguns dos problemas que empobrecem a população do campo, valorizando o caipira, que deveria ser merecedor de mais atenção em benefício do país e da qualidade de vida de todos os brasileiros.

Para encaminhar nossas reflexões para as considerações finais deste trabalho, citamos um trecho do pesquisador Victor Müller (2014, p. 53):

Considera-se Zé Brasil o coroamento de anos de reflexões de Lobato, iniciadas na década de 1910, quando dono do latifúndio Buquira, posteriormente como falido empreendedor capitalista, no negócio dos livros e do petróleo, que culminaram em sua prisão e, finalmente, na compreensão do perverso sistema de exploração do homem pelo homem. O conto “Zé Brasil”, censurado, ignorado, refletiu as próprias condições do povo brasileiro, abandonado, ridicularizado, considerado culpado pela própria pobreza e até do Brasil. Zé Brasil foi o ápice da obra de Lobato, literalmente a cereja do bolo, construído sob os restos de Jeca Tatu e Tatuzinho, um trabalho no qual se observou toda a genialidade de Monteiro Lobato.

Esta genialidade citada por Müller (2014) pode nos fazer entender melhor o processo de construção e reconstrução de um escritor que percebe suas visões preconceituosas, buscando retomá-las e expô-las em sua literatura para fazer uma autocrítica da própria crítica a situações identificadas anteriormente em seu país.

Para entender melhor essa relação entre o real e a literatura, Antonio Candido explica em *Literatura e Sociedade* que:

[...] a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma *práxis* socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da *ilusão* e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo (CANDIDO, 2006, p. 65, grifos do autor).

Assim, Lobato usa seu conhecimento quanto à história da realidade em que está inserido para criar algo irreal a partir daquilo que existe. Dessa forma, apresenta sua percepção de mundo ao público por meio de sua obra usando o personagem Zé Brasil.

### **Considerações finais**

Durante a realização deste artigo, buscou-se desenvolver o exercício de uma pesquisa que possibilitasse conhecer melhor a obra de Monteiro Lobato, em especial o personagem Zé Brasil.

Desse modo, a relação entre literatura e sociedade a partir da obra de Monteiro Lobato favoreceu conhecer um pouco mais Jeca Tatu e Zé Brasil, compreendendo situações ligadas à história do Brasil rural pelo viés da literatura.

O senso crítico em relação à sociedade na qual estava inserido permitiu ao autor escrever de forma verossímil sobre um personagem ficcional que, na verdade, enfrentava os problemas reais de uma sociedade baseada nos grandes latifúndios, favorecendo poucos e marginalizando a maioria da população, representada pelo caboclo na narrativa de Lobato. Assim, foi possível conhecer as origens e os conflitos nos quais o personagem estava inserido, que vão desde queimadas nas propriedades rurais e problemas da saúde populacional, até reflexões sobre sua posição social desfavorável que necessitava de providências políticas – reforma agrária.

À vista disso, espera-se entender cada vez mais as características sociológicas existentes em personagens ficcionais, com o intuito de desenvolver pesquisas relacionando a contribuição da literatura na sociedade que, por sua vez, é responsável pela criação e modificação literária do autor, através das experiências vividas na sociedade na qual estava inserido.

Antonio Candido, em *O direito à literatura*, menciona que “é revoltante o preconceito, segundo o qual as minorias que podem participar das formas requintadas de cultura são sempre capazes de apreciá-las, o que não é verdade”. E continua considerando que as classes dominantes “são frequentemente desprovidas de percepção e interesse real pela arte e literatura ao seu dispor, e muitos dos seus segmentos as fruem por mero esnobismo, porque este ou aquele autor está na moda, porque dá prestígio gostar deste ou daquele pintor” (CANDIDO, 2011, p.193).

A literatura, segundo Candido (2011), aborda fatos externos de uma história ficcional para torná-los internos, ou seja, para criar situações dentro dessa história ficcional. Mas esses fatos, quando externos, estão intimamente ligados à realidade. Por isso, ler uma obra, analisar um personagem, conhecer a biografia de um autor pode sim contribuir com a compreensão de uma sociedade e suas características. No caso desta pesquisa, o estudo de *Zé Brasil* e algumas inferências ao personagem Jeca Tatu, bem como o fato de conhecer um pouco a vida de Monteiro Lobato, foram fatores que contribuíram para entender melhor a história rural do Brasil, seus sujeitos e seus conflitos, aguçando o interesse por um tema amplamente rico e importante no momento em que o mundo passa por uma pandemia, a qual nos faz pensar sobre saúde, trabalho e terra, numa perspectiva muito mais

significativa. Estar em meio a uma pandemia nos faz pensar sobre soberania alimentar e desigualdades – a terra e seu uso nos permite questionar sobre o que temos construído como humanidade. A literatura favorece a sensibilização, a valorização e a compreensão sobre o tema de suas produções e Zé Brasil é um personagem que pode contribuir para tal análise: terra, sujeito e desigualdades.



Figura 1: Capa do livro Zé Brasil

Fonte: Acervo raro leilões. Disponível em: <https://www.acervoraroleiloes.com.br/peca.asp?Id=5871076>.

---

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. Tradução Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5ª ed. Ouro sobre azul: Rio de Janeiro, 2011.
- CARONE, Edgar. **A Quarta República (1945-1964)**. São Paulo: Difel, 1980.
- DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. **Uma História da Vida Rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- DEL PRORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: literatura comentada**. Seleção de textos, contextualizações, notas cronológicas, características e exercícios. São Paulo: Abril Educação, 1981.
- LARANJEIRA, Raymundo. **Colonização e Reforma Agrária no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- LOBATO, Monteiro. **Urupês**. 31ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- MÜLLER, Victor Hugo Neitzke. **Jeca Tatu, Tatuinho e Zé Brasil: uma representação da realidade brasileira nas décadas de 1910 a 1950**. 2014. 83 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/3354>. Acesso em: 28 dez. 2020.
- PEREIRA, João Baptista Borges; QUEIROZ, Renato da Silva. Por onde anda o Jeca Tatu? Arcaísmo e modernidade no contexto agrário. **Revista USP**, nº 64, p.6-13, dezembro/fevereiro 2004-2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13386/15204>. Acesso em: 05 mai. 2021.